

QUIRINO CAMPOFIORITO

80 años

QUIRINO CAMPOFIORITO

80 anos

HOMENAGEM: QUIRINO CAMPOFIORITO 80 ANOS

Escola de Artes Visuais (Parque Lage)
Rua Jardim Botânico, 414 - Rio de Janeiro

Museu Histórico do Estado
Rua Presidente Pedreira, 78 - Ingá - Niterói

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Antônio de Pádua Chagas Freitas

Secretário de Estado de Educação e Cultura

Arnaldo Niskier

Diretor-Geral do Departamento de Cultura

João Ruy Nogueira Medeiros

Diretor da Escola de Artes Visuais

Rubem Breitman

Planejamento, organização e textos

Maria Elizabete Santos Peixoto

Apoio

Fundação de Arte do Rio de Janeiro - FUNARJ

Instituto Municipal de Arte e Cultura - RIO-ARTE

Banco do Estado do Rio de Janeiro - BANERJ

Fundação Roberto Marinho

Edições Pinakotheke

Nascido em Belém do Pará, a 7 de setembro de 1902, e filho do pintor e arquiteto italiano Pedro Campofiorito e de Delfina Paniagua Campofiorito, Quirino Campofiorito desde cedo habituou-se à convivência com o pintor Teodoro Braga (1872-1953) e demais artistas amigos de seu pai, que frequentavam a casa da família na capital paraense. Durante sua infância e adolescência, esteve sempre envolvido com materiais de desenho e pintura, frequentando as aulas de desenho que seu pai ministrava como professor, em Belém. E, ainda menino, com pincéis na mão, copiava antigas estampas, seguindo portanto os caminhos do processo de ensino de desenho e de pintura que se adotava na época.

Em 1912, a família Campofiorito transfere-se para o Rio de Janeiro, onde instala-se por alguns meses em São Cristóvão, na casa do amigo pintor Rafael Frederico (1865-1934), passando a residir cerca de dois anos mais tarde em Niterói. Foi este ambiente, certamente de estímulos na convivência paterna, acrescido talvez do que o pintor hoje considera como "... uma vontade íntima...", ou seja, uma inclinação pessoal e quem sabe até vocacional, que levou Quirino Campofiorito a matricular-se, aos dezoito anos de idade, na Escola Nacional de Belas Artes.

No período escolar, permanecendo por dez anos e realizando sua formação acadêmica de artista, Quirino foi aluno de diversos mestres de papel importante na história da arte brasileira. O pintor Modesto Brocos y Gomez (1852-1936) foi seu primeiro professor de pintura. Homem rigoroso, de desenho severo, mas acima de tudo, segundo depoimento de Campofiorito, um mestre, à época, bastante desatualizado e ultrapassado. Depois foi aluno de Rodolfo Chambelland (1879-1967), artista de desenho mais

livre e homem mais sensível. Teve também como mestre, ao longo de um ano, o pintor e professor João Batista da Costa (1865-1926). Com o falecimento deste último, sucedeu-o Augusto Bracet (1881-1960), de quem Quirino tornou-se amigo, mas com quem manteve atritos permanentes, pois o mestre insistia na idéia de influenciar o aluno com sua maneira de pintar, enquanto este reagia constantemente a todo e qualquer tipo de influência que quisessem lhe impor. Neste tempo, já se questionava muito o tipo de ensino adotado na Escola Nacional de Belas Artes; os alunos sobretudo reagiam contra o método excessivamente clássico de aprendizagem. No entanto, afirma Quirino, "...tudo isso ocorria do lado de fora das aulas, pois no ambiente rigoroso e antigo da instituição não havia espaço para tais discussões..."

Enquanto aluno da Escola Nacional de Belas Artes, Campofiorito fazia ilustrações e desenhos para a imprensa, realizando diversas caricaturas para revistas como A Maçã, O Malho, O Tico-Tico, Dom Quixote, Reação, O Foot-Ball, A Máscara, o jornal Diário da Noite e mais tarde O Jornal e o suplemento dominical do Jornal do Comércio. Trabalhou também durante algum tempo no departamento de publicidade da companhia de cinema Metro Goldwin Meyer, onde enfrentou problemas burocráticos com relação ao cumprimento de horário de trabalho, uma vez que cursava a Escola de Belas Artes e não podia obedecer ao horário integral de trabalho exigido na companhia cinematográfica. Foram diversas atividades profissionais que lhe proporcionaram a oportunidade de obter recursos para auxiliar seus estudos, uma vez que a família vivia com rendimentos limitados. Entre os anos de 1927 e 1929, foi também diretor e ilustrador da Revista Infantil.

Nas aulas de pintura, recebeu a medalha de prata em 1927 e a medalha de ouro em 1928, o que lhe permitiu concorrer ao prêmio de viagem ao exterior, conquistado em 1929. Este prêmio era um acontecimento relevante na vida dos artistas pois consistia na grande oportunidade de conhecer e vivenciar tudo o que na Europa ocorria com relação à arte, como movimentos modernos e diferentes métodos de ensino. Sem o prêmio, pago pelo governo, oitenta por cento dos estudantes da época jamais teria tido a chance de desenvolver e ampliar o seu trabalho através do contato com a cultura européia.

Neste mesmo ano de 1929, casa-se com a pintora Hilda Eisenlohr, a quem havia conhecido na Praia de Icaraí, quando praticava diariamente o esporte do remo. Parte então para a Europa no início de 1930, onde cumpre os cinco anos do prêmio recebido: "... a estada na Europa foi maravilhosa e sua vivência foi de grande importância...", assim define o artista este período de aperfeiçoamento. Inicialmente em Paris, frequentou a Academie de la Grande Chaumière e a Academie Julien, participando de vários salões locais, inclusive o famoso Salão de Outono. Frequentou também a Academia de Belas Artes de Roma, onde viveu por dois anos - 1931/32. O período durante o qual Campofiorito viveu na Europa foi uma época em que os conceitos e o ensino artístico sofriam grandes modificações. Portanto, foi um período mais conturbado, de pouca segurança, onde tudo se transformava constantemente, enquanto que no Brasil, o ensino retrógrado da Escola Nacional de Belas Artes exigia que o pintor enviasse trabalhos acadêmicos, à maneira antiga. De forma a atender ao compromisso com a escola, enviava cópias e estudos feitos com capricho, os quais eram surpreendentemente recebidos com desprezo e logo ocultados dos

demais alunos sob a alegação de serem suas pinturas extremamente "futuristas".

De volta ao Brasil, em fins de 1934, realiza sua primeira exposição individual, na sede da Associação de Artistas Plásticos do Rio de Janeiro, no Palace Hotel, transferindo-se depois para a cidade de Araraquara, no interior de São Paulo, atendendo a convite para fundar e dirigir a Escola de Belas Artes local. Campofiorito passa dois anos em Araraquara, enfrentando diversos problemas e dificuldades para a implantação e o desenvolvimento da instituição e dos programas de ensino. O ambiente da cidade de interior era absolutamente adverso. Os primeiros alunos matriculados, ainda que possuíssem talento, eram completamente desprovidos de qualquer conhecimento elementar sobre arte; ignoravam a existência de museus e jamais haviam tido contato com alguma produção artística. Ainda assim, a escola teve início com quase cinquenta alunos, num curso que Quirino define como "...muito modesto, humilde, porém com algumas características do ensino acadêmico, sistematizado..." Após as primeiras turmas, o número de alunos foi aumentando e a escola chegou a atingir algum sucesso, embora as pessoas que a frequentavam fossem ainda totalmente desatentas ao ambiente artístico.

Em janeiro de 1935, estimulado pela experiência adquirida ao longo de sua estada europeia, Campofiorito funda o jornal mensal Bellas Artes, o primeiro periódico brasileiro a tratar exclusivamente de arte. Este jornal teve a duração de cinco anos, durante os quais Quirino realizou, em parte, o seu desejo de divulgar amplamente os novos movimentos artísticos que surgiam, o trabalho de jovens pintores, além de exercer a crítica de arte com maior liberdade

de expressão. Nas palavras do artista, "...para combater as posições comodistas e reacionárias da crítica de arte no Brasil, achei oportuno o lançamento de uma publicação caracteristicamente panfletária, para moer e remoer os conceitos anti-evolucionistas..."

O Bellas Artes foi eminentemente um jornal informativo, amplamente noticioso, apoiando sem preferências a todos os artistas, atendendo com respeito os artistas conservadores e estimulando o entusiasmo dos jovens, trabalhando para a formação de uma nova mentalidade, que necessitava de terreno fértil. Apesar disso, seu fundador e diretor acredita, hoje, que "... os ideais às vezes não se conjugam com os resultados..." As dificuldades com relação à divulgação e distribuição do jornal e um decreto autoritário do governo getulista, determinando obrigações tributárias para a imprensa em geral, levaram o jornal a fechar em setembro de 1940, juntamente com todos os outros jornais que não pertenciam à categoria de grande imprensa diária, e, portanto, extinguiram-se por dificuldades financeiras."

Data do período do retorno da Europa, também, a atividade de Quirino Campofiorito no campo da crítica de arte. Na época, havia absoluta escassez de profissionais que exercessem esta atividade. Quirino, homem crítico durante toda a vida, tendo assistido à experiência da crítica de arte européia bastante desenvolvida e de papel relevante no contexto artístico, dedicou-se a esta tarefa tendo como objetivo primordial contribuir para o processo de renovação da arte no que se refere a uma compreensão mais ampla e definida da arte moderna, que segundo o artista, "... não se faz reconhecendo velhos mestres, mas sim divulgando os valores dos jovens artistas..." Escrevendo até hoje no Jornal de Letras, Quirino Campofiorito fez parte do grupo fundador da Associação

Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), sessão brasileira da Association Internationale des Critiques d'Art.

Enquanto esteve na Europa, havia sido fundado no Rio de Janeiro um grupo de artistas que se reunia à noite nos porões da Escola Nacional de Belas Artes, denominado Núcleo Bernardelli. Deste grupo, formado com o objetivo de estudar e discutir a pintura, faziam parte, entre outros, Manoel Santiago (1897), Edson Motta (1910-1981), João José Rescala (1910), Ado Malagoli (1908), Bustamante Sã (1907), Eugenio Sigaud (1899-1981), Bruno Lechowsky (1887-1941), José Pancetti (1902-1958) e Milton Dacosta (1915). O núcleo desenvolveu-se durante o período em que Quirino já se encontrava em Araraquara, e, ao chegar ao Rio de Janeiro, o pintor encontrou-o já um tanto disperso e abandonado. No entanto, a pedido de Bustamante Sã, o pintor integra-se aos demais artistas com o propósito de reanimar as atividades desenvolvidas pelo Núcleo Bernardelli. O mensário Bellas Artes foi de extrema importância e utilidade para este objetivo, promovendo a ampla divulgação dos trabalhos realizados. Quirino Campofiorito foi seu último presidente.

Após dois anos de trabalho infatigável em Araraquara, em virtude dos chamados insistentes da Escola Nacional de Belas Artes para que retornasse, a fim de assumir o cargo de professor de desenho, o artista decide-se por voltar ao Rio de Janeiro, entusiasmado com as novas perspectivas de ensino. Deixou a direção da escola de Araraquara com o filho do célebre pintor Almeida Júnior (1850-1899). O passar dos anos fez com que a instituição decaísse de maneira sensível, existindo hoje em estado precário.

No Rio de Janeiro, em 1938, ficou encarregado da aula de desenho, substituindo o professor Modesto Brocos, seu primeiro mestre de pintura. Poucos meses depois, passa a substituir também o professor Lucílio de Albuquerque (1877-1939) que, tendo adoecido, não mais estava em condições de lecionar. Em constante atrito com o tipo de ensino ultrapassado que ainda vigorava, Campofiorito manteve sempre o seu objetivo de modificá-lo e proporcionar aos cursos uma característica moderna, atualizada, útil e profissionalizante.

Em 1949 é aprovado em concurso realizado para a cadeira de Arte Decorativa, iniciando as aulas a partir de 1950. De acordo com seus ideais de constante renovação e progresso, o artista atrai conflitos e supera obstáculos, implantando um programa novo para o curso e abolindo os métodos retrógrados até então utilizados. O próprio nome do curso, sofreu mudança, passando a ser denominado Criação da Forma e comportando diversas disciplinas. Seu objetivo era sobretudo profissionalizar os alunos para que estes, ao saírem da escola, estivessem habilitados a uma profissão artística definida que lhes possibilitasse remuneração permanente.

No início dos anos 50, a participação nos Salões de Arte Moderna foi uma das atividades mais destacadas na vida de Campofiorito. "... Foi sempre uma grande aventura fazer aqueles salões..." depõe o artista, recordando o entusiasmo que o levou a dedicar-se sobremaneira a este trabalho. Foram anos de muita luta e tenacidade até que se concretizasse um fenômeno de tamanha importância para a arte brasileira deste século. A grande vitória, que constituiu na efetiva implantação de uma divisão de Arte Moderna na estrutura do salão, deve-se à imprescindível contribuição de Quirino Campofiorito.

No âmbito de suas convicções, Quirino foi sempre um homem marcado pela visão humanista do mundo. Acreditando na humildade e na cooperação coletiva entre as pessoas, fez de sua vida e de seu trabalho a razão de sua felicidade, admitindo que o progresso da humanidade está diretamente condicionado a uma renovação permanente da sociedade.

Por fim, sua formação como pintor foi aquela contra a qual sempre se rebelou, mas que inevitavelmente esteve de certa maneira presente em sua obra artística. O artista define-se a si próprio como um pintor de cavalete, com formação acadêmica adquirida ao longo de dez anos de aprendizagem na Escola Nacional de Belas Artes, em contradição com o seu conflito constante na luta pela modernização dos métodos e da mentalidade de ensino. A formação acadêmica possibilitou o bom desenho e permitiu o conhecimento mais íntimo e o amor aos materiais e à técnica da pintura. Os seus temas prediletos estiveram sempre ligados à arte figurativa, cuja origem verifica-se no seu contato constante com o mar, a água, os peixes, o sol, enfim, os elementos da natureza, os quais sempre admirou profundamente e que o levaram a construir em sua obra a figura-símbolo do pescador, homem simples, humilde e sem egoísmos.

O conceito de família também teve papel de destaque como tema em sua pintura. O artista destaca a importância do triângulo formado pelo pai, pela mãe e pelo filho, definindo-o como o triângulo da felicidade "...onde tudo se completa, tudo fica perfeito..." A propósito deste tema, realizou um tríptico composto pelas figuras do homem, da mulher e da criança, que representam a concepção de harmonia e felicidade.

Após alguns anos, durante os quais dedicou-se sobretudo a escrever artigos e exercer a crítica de arte, sua obra retoma forte impulso a partir do final da década de 1960, quando realizou exposição individual no Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro, em 1971, e uma mostra retrospectiva na Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, em maio de 1977.

Presidente de Honra da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), membro da Association Internationale des Critiques d'Art (AICA), e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quirino Campofiorito tem recentemente se dedicado a uma nova experiência: a curadoria de exposições de arte. Neste campo, foi o responsável pela organização da importante mostra "Pintores Fluminenses", apresentada pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura, em 1981, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e também da exposição "Edson Motta - O Pintor", que o Museu Nacional de Belas Artes inaugurou no corrente mês. Seu filho, o arquiteto Italo Campofiorito, tem colaborado nestas atividades, que antes de mais nada atestam o profundo envolvimento do artista com a antiga dedicação devotada aos problemas da promoção cultural e do debate de idéias.

Residindo em Niterói com sua esposa, a pintora Hilda Eisenlohr Campofiorito, Quirino terá em breve publicado seu livro "História da Pintura Brasileira no Século XIX", um dos trabalhos mais importantes sobre este período de nossa arte e sem dúvida destinado a se tornar uma referência indispensável como os clássicos de autori de Luiz Gonzaga Duque Estrada e Laudelino Freire.

Setembro de 1982

MARIA ELIZABETE SANTOS PEIXOTO

RELAÇÃO DAS OBRAS EXPOSTAS

A seleção das obras que compõem esta exposição não pretende representar a totalidade da produção artística de Quirino Campofiorito, mas apenas definir um resumo significativo das principais etapas que marcaram sua atividade como pintor nos últimos sessenta anos.

1. SELEÇÃO DE ILUSTRAÇÕES E CARICATURAS FEITAS PARA A IMPRENSA

Década de 1920

Coleção do artista, Niterói

2. LA FIORENTINA, 1931

óleo sobre tela, 62 x 46 cm

assinado e datado no canto inferior esquerdo

Coleção do artista, Niterói

3. IGREJA DE SÃO CARLOS, 1932

óleo sobre tela, 48 x 38 cm

assinado e datado no canto inferior direito

Coleção do artista, Niterói

4. PEIXE E JORNAL, 1933

óleo sobre tela, 45 x 38 cm

assinado e datado no canto inferior esquerdo

Coleção do artista, Niterói

5. ESPÍRITO DA PRAIA, 1941

óleo sobre tela, 59x57cm

assinado e datado no canto inferior direito

Coleção Carlos Magalhães Da Silveira, Rio de Janeiro

6. COMPOSIÇÃO NO BRASIL, 1941
óleo sobre tela, 61 x 45 cm
assinado e datado no canto inferior direito
Coleção do artista, Niterói

7. HORA DO ALMOÇO NA OBRA, 1950
óleo sobre tela, 52 x 45 cm
assinado e datado no canto inferior direito
Coleção do artista, Niterói

8. TOMARAM CONTA DE TUDO, 1973
óleo sobre tela, 49 x 72 cm
assinado e datado no canto inferior esquerdo
Coleção do artista, Niterói

9. SIGNOS (Homenagem a Kasimir Malevitch), 1980
óleo sobre madeira, 54 x 46 cm
assinado e datado no canto inferior esquerdo
Coleção do artista, Niterói

10. COMPOSIÇÃO NO QUADRADO SUPREMATISTA (Homenagem a Kasimir Malevitch), 1980
óleo sobre tela, 54 x 46 cm
assinado e datado no canto inferior esquerdo
Coleção do artista, Niterói

11. QUADRADO/ESFERA/COR (Homenagem a Joseph Albers), 1980
óleo sobre tela, 46 x 54 cm
assinado e datado no canto inferior esquerdo
Coleção do artista, Niterói

12. QUADRADO/ESFERA/COR (Homenagem a Joseph Albers), 1980

óleo sobre tela, 46 x 54 cm

assinado e datado no canto inferior esquerdo

Coleção do artista, Niterói